

## **A construção social da comoção: mídia e terrorismo na compreensão sociológica**

**Alef Lima<sup>1</sup>**

A realidade social é sensivelmente complexa, e me refiro explicitamente à densidade de relações sociais que a estruturam e lhe conformam os conteúdos. Complexa no mesmo sentido daquele que o filósofo Edgar Morin atribuiu a tudo o que é real, a “complexidade é aquilo que é tecido em conjunto”. Parece uma frase retórica dizer que a sociedade e suas implicações no indivíduo se dão de maneira mais contundente e mais perceptível na formação dos laços, assim como afirmar que esses processos correspondentes de socialização e internalização são fundantes da realidade social, constituindo neste ponto a justificativa científica da investigação sociológica – já que a função da ciência é tornar o real um fato inteligível.

Mas, se o sociólogo encontra-se convencido de que o social deve se tornar um fato inteligível, ele como qualquer outro pesquisador necessita se instrumentalizar para poder perceber que não é só nos laços que o social está presente. Precisa-se ter em mente que o social também é um fator latente. Ele se inscreve nas instâncias coletivas, se propaga nos sentimentos, movimenta os interesses, se corporifica em certos ideais, valores, crenças podendo apresentar-se no rosto de uma pessoa, seja um líder político conservador ou um assaltante brutalmente espancando em praça pública.

A respeito de exemplos suficientemente concisos e empiricamente plausíveis, podemos analisar com o claro intuito de mostrar as ressonâncias compreensivas que a Sociologia pode obter quando direcionada à contemporaneidade. No começo do ano de 2015 o atentado terrorista à revista satírica parisiense Charlie Hebdo deixou um total de doze mortos e onze feridos<sup>2</sup>. Os terroristas defendiam a causa islâmica e mantinham relação com a famosa rede terrorista Al-Qaeda. A revista não havia sido escolhida à toa, pois suas charges explicitamente ofensivas contra o Islã e os seus preceitos, principalmente aquele que vetava qualquer reprodução imagética do profeta Maomé, vinham sendo constantemente atacados e eschachados publicamente.

---

<sup>1</sup> Graduando em ciências sociais, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Subárea de Sociologia. 26 de Janeiro de 2015.

<sup>2</sup> Informações conferir:< <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>>. Acesso em 21 de janeiro de 2015.

Os dois irmãos que cometeram o atentado disseram no momento da execução de seus supostos “inimigos” que estavam vingando o profeta. A repercussão da imprensa internacional foi massiva, lembremos que não foram indivíduos simplórios mortos em um dos diversos casos de acontecimentos brutais que preenchem com alguma frequência o cotidiano dos povos do continente africano e do Oriente Médio. Estamos falando de jornalistas, chargistas, caucasianos, parisienses, em suma, membros de considerável prestígio dentro ampla rede classista que é a imprensa ocidental. E dentro de uma classe “para si” nas palavras de Marx, se impõe a consciência de um todo internacionalmente articulado.

Neste aspecto vale ressaltar que imprensa usa e abusa de suas influências nas esferas da vida social, para estimular, “fazer ver e fazer crer” que sua perspectiva é a única politicamente viável e eticamente justa. Logo, ela precisa se por no lugar de vítima, e não pode simular esse lugar sem mobilizar o aval social. A legitimidade de suas afirmações deve ser respaldada por um coletivo maior que uma classe. E para operar tal procedimento a imprensa, conforme uma expressão pretensamente durkheimiana, produz uma factóide moral.

Ela faz com que um sofrimento culturalmente localizado ganhe status de evento mundial. Generalizar é o primeiro objetivo, mas para generalizar é preciso criar empatia, desenvolver uma base comum. Demonstrar moralmente (nos laços e na reciprocidade) a pertinência de um acontecimento local é simular os pertencimentos com o intuito de abstrairlos em um lugar comum. – “Je suis Charlie.”, “A liberdade de expressão foi atacada.”, “O fanatismo religioso do Oriente é avesso à liberdade democrática do Ocidente.”. Com esse efeito, é possível indicar claramente a inflação de uma zona de identificação, causada em parte pela proliferação de frases como estas nas redes sociais em torno do mundo e pela construção de um sentimento de comoção.

Etimologicamente o verbo *comover* vem do latim *commovere*, a palavra é uma junção das partículas *com* (união, junção) e *movere* (movimentar, deslocar) <sup>3</sup>. Assim, se pode conceituar que comoção é um sentimento de união convocado por um deslocamento de uma zona de conforto. Sociologicamente poderíamos concluir por inferência que a comoção enquanto uma construção social é um efeito constitutivo de relações de pertencimento e empatia, mobilizados por um fato significativo onde o tecido social foi possivelmente afetado.

---

<sup>3</sup> Para maiores informações consultar: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/comover/>>. Acesso em 20 de Janeiro de 2015.

Há de se considerar que esse atributo do sentimento de comoção é produzido em situações-limite, e busca reconstruir um valor que foi atingido, como no caso da revista Charlie Hebdo, a suposta “liberdade de expressão e de imprensa”. Então encontramos os pressupostos da gênese social da comoção, ela é um fenômeno surgido no limite e seu fundamento psíquico se baseia em uma identificação, seus efeitos mais impactantes se encontram na constante insuflação coletiva que ela remete. No caso descrito aqui essa insuflação é causada de forma direta pelas instâncias sociais organizadas, tendo a mídia um papel preponderante, senão condicionante.

Dentro desses argumentos, ainda cabe perguntar, de que maneira esse factóide moral produzido pela imprensa é usado na construção de um sentimento tão poderoso como a comoção social? Inicialmente é visível a massificação dos canais de comunicação em anunciar e enunciar os horrores do terrorismo, ligando-os com eventos passados, eles operam por meio da notícia, e através dela instituem a fabricação de um imaginário social contundente, apesar de fragmentário e raso.

As imagens e estereótipos culturais são chamados à cena e eles servem para reforçar **quem somos nós e quem são eles**, em suma, é preciso fornecer rosto e personalidade a divulgação de um medo coletivo. De modo cabal, podemos observar que essa foi uma das estratégias da imprensa internacional, e ainda mais, as redes televisivas do Ocidente, se faziam comparar com o jornalismo oriental - principalmente com o trato das notícias relacionadas aos terroristas e suas intenções. O fanático religioso mulçumano, barbudo, carregando o Alcorão na mão e esbravejando sobre as dezenas de virgens do paraíso, apavora as almas democráticas.

O terrorismo usa da mídia para espetacularizar sua ação, a fim de, como afirma o teólogo Leonardo Boff, “colonizar as mentes por meio do horror”<sup>4</sup>. A mídia se enriquece do material de notícias causado pelos eventos de terror. Portanto a mídia e o terrorismo sofrem de uma ambígua relação de amor e ódio. Eles se correspondem no ódio e se ajudam mutuamente. Essas instâncias elaboram-se conforme um conjunto de interesses bem próximos, apesar de construídos e defendidos de modo inverso. A imprensa camufla suas influências e razões, ela deixa seus motivos filtrados por sua tão controversa imparcialidade. O terrorismo requer de si mesmo o espetáculo de sua ação, deixando exposto o seu ideário.

---

<sup>4</sup> Para maiores informações, verificar: < <https://leonardoboff.wordpress.com/2014/02/14/para-uma-definicao-do-terrorismo/>>. Acesso em 21 de Janeiro de 2015.

Ambos, no entanto, são sistematicamente funcionais e tem pautas hierarquicamente formadas, escolhem alvos, e arvoram-se em valores sociais que lhe garantem legitimidade em suas respectivas culturas.

A notícia de capa, a diagramação, as letras garrafais, as formas de dizer, a edição das imagens, todos esses aspectos conjuntamente envolvidos, formam a mediação midiática dos fenômenos e eventos sociais. A comoção é um efeito sutil desses pequenos detalhes que parecem imperceptíveis e secundários, mas que condicionam a formação da opinião pública. A imprensa torna-se cada vez mais enfática em suas conclusões, seu resultado não é senão, uma controversa catarse coletiva. Esse fato foi visto na passeata pela “liberdade de expressão” em Paris, segundo alguns sites de notícia classificaram como “marcha histórica”<sup>5</sup>, e reuniu cerca de 3,5 milhões de pessoas. A curiosa similitude entre terrorismo e mídia talvez sirva para uma ampliação de debates tão abstratos como a “liberdade de imprensa e expressão”, tolerância religiosa, democracia e etc.

#### **Referências:**

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CORBISIER, Roland. **Introdução à filosofia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Paulo Neves. 3 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** [1920-1923]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MAGNOLI, Demétrio. **O mundo contemporâneo: os grandes acontecimentos mundiais da guerra fria aos nossos dias**. 2 Ed. São Paulo: Atual, 2008.

\_\_\_\_\_. **Terror global**. São Paulo: Publifolha, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

RODRIGUES, José Albertino (Org.). **Durkheim**. São Paulo: Ática, 1978.

---

<sup>5</sup> Mais informações:< <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/marcha-historica-pela-liberdade-reune-milhares-de-pessoas-em-paris.html>>. Acesso em 22 de janeiro de 2015.